

Wiriyamu: atrocidade por esclarecer? *

Apareceu na edição do dia 18 de Maio de 2012 do semanário **SAVANA** um longo artigo com o título “Atrocidade em Wiriyamu continua por esclarecer”. O texto baseia-se num artigo de dois jovens académicos portugueses que tentam saber se houve massacre em Wiriyamu e quais seriam as suas causas. Os autores trazem alguns dados novos que encontraram em arquivos portugueses e ingleses e confirmam que houve realmente massacre. No entanto ao fim do artigo dos autores e do Savana, fica o leitor com a impressão que há alguma incerteza sobre o massacre. Não creio que seja isto correcto e penso também que há uma história mais complexa ainda por contar, sobretudo se tomarmos em conta as dinâmicas moçambicanas.

Os autores portugueses não fizeram pesquisa em Moçambique, por isso não conhecem certos aspectos da história do massacre de Wiriyamu. Ignoram por exemplo que o relatório de Wiriyamu foi obra do falecido Padre Domingos Ferrão, o primeiro padre negro da diocese de Tete. Foi ele que redigiu o relatório de Wiriyamu pelo qual recolheu informação com a ajuda de dois padres e duas irmãs estrangeiros da missão São Pedro de Tete e da missão de Matundo.¹ Se o padre Ferrão não teve “visibilidade”, é porque os padres estrangeiras puseram-se a frente a fim de proteger o Padre Ferrão que já tinha sido preso pela Pide em 1968 e estava sob vigilância apertada desta polícia assim como do Bispo de Tete. Este facto não é só importante para saber quem foi o verdadeiro autor do relatório de Wiriyamu, mas também para entender que os moçambicanos tiveram papel na denúncia do massacre.

Um outro aspecto incompleto no artigo em questão, tem a ver com as divisões na sociedade colonial e a dinâmica da guerra em Moçambique. Se de um lado é verdade que os militares portugueses desenvolveram uma aliança estratégica com os rodesianos e os sul africanos no início dos anos 1970 (Aliança ALCORA), tem que se dizer também que o tal “eminente colono” Jorge Jardim estava ao

mesmo tempo a desenvolver, com os sócios dele, um outro projecto militar e político para Moçambique. Após ter criado as poderosas milícias GE e GEPs, Jardim estava a tentar organizar uma independência unilateral “multi-racial” negociada com a Frelimo, sem o acordo de Lisboa. Ora, a Aliança ALCORA ia directamente contra este projecto e isso colocou o Jorge Jardim numa trajectória de conflito com o Exército Português. É dentro deste quadro que o Jardim fez um relatório para o Marcelo Caetano no qual ele reconhecia a existência do massacre de Wiriyamu e responsabilizava os militares.²

A história do massacre de Wiriyamu é complexa, mas temos a maior parte dos dados. Temos a lista dos mortos (desde 1972!), temos a localização do massacre (hoje com monumento nacional), conhecemos as causas contextuais e singulares do evento, e temos ainda a lista dos principais assassinos (com testemunho de alguns). Os académicos referenciados, e o Savana, trouxeram alguns elementos novos sobre a dinâmica dentro do poder português e dos militares. Adicionando o que acabamos de recordar sobre a dinâmica moçambicana, podemos dizer que sabemos com bastante certeza o essencial sobre o massacre e que, portanto, Wiriyamu não é “atrocidade para esclarecer”.

***Dr Eric Morier-Genoud, Professor de História, Queen's University Belfast**

¹ José Antonio Izco ILUNDÁIN, *Gozo ey lágrimas (1954-1976). Los 22 primeros años de misión de 36 sacerdotes jóvenes y 6 laicos en Tete-Beira (Mozambique)*, Madrid: Editorial Mundo Negro, 2011, pp.226-235. Em 2009, a Universidade Católica em Tete fez um seminário sobre o papel da Igreja Católica na Luta de Libertação Nacional no qual falou-se, e homenageou-se, ao Monsenhor Domingos Ferrão.

² José Freire ANTUNES, *Jorge Jardim. Agente secreto*, Venda Nova (Portugal): Bertrand Editora, 1996, p.487-493, e Gulamo TAJÚ, *O projecto do Engenheiro Jorge Jardim*, Tese de licenciatura, Instituto Superior Pedagógico, Maputo, 1990.